

**Resenha**

ORLANDI, E. P. Palavra de amor. **Cadernos de Estudos da Linguagem**, Campinas, (19): 75-95, jul./dez. 1990.

**Palavras de amor**

João Paulo Braga Floriano\*

“um não sei quê que nasce não sei onde  
Dói não sei como, vem não sei porquê”.  
(L. V. de Camões, *Lírica*)

O excerto de Camões, apresentado no texto *Palavra de amor*, de Eni Puccinelli Orlandi, com a força discursiva que é própria da linguagem poética, condensa, de forma majestosa, o que a autora busca desenvolver através de sua empreitada no artigo em epígrafe. O artigo *Palavra de amor* foi publicado na revista *Cadernos de Estudos da Linguagem* no ano de 1990. De lá pra cá, passaram-se muitos anos. Todavia, mesmo com o passar de tanto tempo, esse texto apresenta-se revestido de destacada atualidade.

A autora do texto *Palavra de amor*, a professora Eni Puccinelli Orlandi, conhecida nacional e internacionalmente, é graduada em Letras e possui mestrado e doutorado em Linguística. Durante o período de 1967 a 1979, ela foi professora da Universidade de São Paulo (USP), instituição na qual lecionou Filologia Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise do Discurso Pedagógico. Eni Orlandi foi também professora da Universidade de Campinas (Unicamp). Nesta instituição, atualmente, atua como pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos e também como professora colaborada do Instituto de Estudos da Linguagem. A professora Eni exerce ainda, junto à Universidade do Vale do Sapucaí, a função de coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Como parte de sua trajetória intelectual, é pertinente destacar para os propósitos desta resenha que a professora

---

\* Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: [jpbraga201@hotmail.com](mailto:jpbraga201@hotmail.com)

Eni Puccinelli direcionou sua formação e pesquisa acadêmica para o campo da Linguística, dando ênfase à teoria e análise Linguística. Essa ênfase se materializou privilegiadamente em sua vasta produção em Análise de Discurso. É dessa perspectiva teórica que a autora trata o tema do amor em seu texto.

Na abertura de seu texto, Eni afirma que ela, na análise que empreende, não irá procurar interpretar o discurso de amor, mas, antes e precipuamente, irá buscar compreender o modo através do qual esse discurso produz sentido. Para ela, a marca do discurso de amor é a contradição. Ele é eminentemente e estruturalmente um discurso contraditório e é assim, como contraditório, que ele produz sentidos. A afirmação da contradição inerente ao discurso de amor é axial e paradigmática para a reflexão engendrada e será sustentada ao longo de todo o texto. Para a autora, a especificidade do discurso de amor é ser contraditório e essa contradição será por ela sublinhada e exemplificada por toda a extensão de seu texto.

Anterior à discussão que a autora enseja em seu texto é a diferenciação que ela faz entre o falar de amor e falar sobre o amor. Esta é uma pontuação bastante pertinente para a perspectiva teórica da Análise de Discurso, que é o ponto a partir do qual ela trata a temática do amor. A diferença apontada por Orlandi quanto a essas categorias é que falar de amor é tentar dizer o fenômeno. Falar de amor é mostrar o que se passa na subjetividade, é dizer daquilo ou sobre aquilo que afeta o sujeito. Portanto, falar de amor cabe ao sujeito que ama. Ao sujeito interpelado pelos sentidos contidos na palavra amor cabe falar de amor. Falar de amor é falar de acontecimentos próprios de uma forma específica de subjetivação.

Por outro lado, falar sobre o discurso de amor é falar sobre um processo de significação. O amor, na forma como é trabalhado no texto, mostra-se como um discurso em funcionamento e é nesse movimento que ele se mostra como possível. Procurar compreender esse discurso que funciona, que produz sentidos consiste noutra tarefa, que é a abraçada pela autora. Todavia, como é próprio da maneira como a Análise de Discurso compreende o mundo, as coisas do mundo e o homem, a compreensão do amor enquanto discurso em funcionamento implica que sejam consideradas também as condições de sua produção. Estão implicadas aí, nessa compreensão da discursividade, a linguagem em sua historicidade e equivocidade, os ordenamentos sociais e o influxo do imaginário. Como é bem destacado no texto, a análise do discurso de amor é a análise que permite mostrar o amor enquanto uma categoria filiada à uma situação social e histórica, permeada por aquilo que já foi dito – o interdiscurso – e lançado no espaço e no tempo pela presença inarredável do

imaginário. Esse é o terreno reflexivo no qual a autora se move para buscar os modos de significação do discurso de amor, que, como já dito, significa a partir de sua marca fundamental: a contradição.

Um ponto que merece ser destacado no texto em epígrafe refere-se às limitações de algumas concepções de linguagem que se dispõe a analisar o discurso de amor. Sendo um discurso que se caracteriza por suas contraditoriedades, mas, mesmo assim, ou talvez por ser assim, capaz de produzir sentidos dos mais variados, o discurso de amor esquiva-se e se mostra impermeável ou até mesmo dispensável a uma compreensão da linguagem como um instrumento, na relação pensamento e mundo, capaz de descortinar as coisas ou o real em sua singularidade, de dominá-lo e de domesticá-lo. Assim, a linguagem, nessa concepção denominada dialógica, seria capaz evidenciar as coisas tais como elas são. Evidência e transparência aqui são palavras-chave.

Como uma forma de ver a linguagem como um instrumento de aferição direta do real trataria um discurso que tem na contradição a força de sua capacidade de produzir sentidos? A concepção de linguagem assumida e desenvolvida pela autora no texto em destaque é outra. Para ela, a linguagem mostra-se equívoca, sujeita a falhas e aos influxos da história, do imaginário e do inconsciente. Não há uma relação termo-a-termo entre pensamento, linguagem e mundo. Sendo assim, a linguagem não é capaz de dar conta de um real, como se ele estivesse lá fora e pudesse ser descortinado por suas investidas. O real do discurso de amor é o real próprio da linguagem, é aquele que é feito na relação entre história, os modos de produção próprios a essa história, que sempre se encontra e se organiza em um determinado tempo e espaço. Mas, não é só a história que se faz presente. O lugar que o sujeito ocupa em uma determinada configuração social também será determinante. Todavia, esse lugar é o lugar dado pelo imaginário, que, na Análise de Discurso, é denominada posição.

Com relação ao discurso de amor, a linguagem se mostra em sua natureza de incompletude, falha e equívoca. Nessa ótica, não há perspectiva para uma pretensa clareza, transparência e evidência de sentidos. O discurso de amor é contraditório. Como tal ele diz e não-diz, ele mostra e esconde, ele fixa e dispersa, ele é movimento e permanência. Então, a contradição do discurso de amor, como muito bem sustentada pela autora, indica que, enquanto discurso, o discurso de amor é e não é ao mesmo tempo. Sendo assim, essa concepção contraria um dos veios teóricos mais fundamentais do pensamento ocidental: o ser não pode ser e não ser ao mesmo

tempo. No discurso de amor, o ser é e não é ao mesmo tempo. Esse é um ponto forte mostrado no texto de Eni Orlandi.

Como já foi dito acima, a autora, envereda, em seu texto, pelo caminho da compreensão sobre os sentidos que são produzidos pelo discurso de amor em sua contraditoriedade. Essa disposição compreensiva se move e se apoia em fragmentos de diversas poesias. Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Casimiro de Abreu, Ana Cristina Cesar, são alguns dos nomes consagrados da literatura poética que são chamados, muito apropriadamente, pela autora, a tecerem discursos de amor em seu texto. Ela, portanto, empresta desses nomes discursos de amor e, a partir deles, aponta para algumas características desse discurso.

Como também já foi dito acima, a autora parte da constatação de que o discurso de amor é fundamentalmente contraditório, não só parte como se atém durante todo o texto em mostrar, com o precioso auxílio desses gigantes das Letras, aquilo que compõem o discurso de amor em sua natureza contraditória. Sendo contraditório, o discurso de amor é também fugaz e móvel. Ele é marcado pela permanência e pela mudança.

Mas, como a autora faz para mostrar essas propriedades de contradição, dubiedade e fugacidade do discurso de amor? Esse também configura outro aspecto e recurso forte do texto. Sendo um discurso do discurso de amor, a autora, como modo de obtenção de menor incidência possível da subjetividade, sustenta-se, em sua análise, na expressão típica do discurso de amor: “eu-te-amo”. Tomando essa frase-tipo, como ela denomina essa expressão, ela percorre os dizeres que estão presentes e ausentes nesse dizer. Com isso, ela tece um quadro muito interessante das possíveis caracterizações das contradições postas pelo discurso de amor através do “eu-te-amo”.

Dentre as diversas considerações da autora sobre o “eu-te-amo”, figura a ideia de que essa frase-tipo pode dizer uma infinidade de coisas. Para a autora, essa frase, no domínio do simbólico serve para evocar todas as falas amorosas. Ela funciona como uma espécie de regente do discurso de amor. Tendo uma função tão destaca, é com essa frase-tipo que o discurso de amor produz tão proficuamente sentidos. Produzir abundantemente sentidos é uma marca privilegiada do discurso de amor. Com o “eu-te-amo”, uma infinidade de coisas relacionadas ao amor são postas em circulação. Uma infinidade de sentidos é gerada. A força de significação dessa frase-tipo, como bem destacado pela autora, é tão grande que, mesmo que ela não esteja

presente no que é dito ela se faz presente pela memória constitutiva do que é dito. O “eu-te-amo” é incomensuravelmente fértil para a produção de sentidos.

Tendo como categoria de análise a frase-tipo “eu-te-amo”, a autora, através dela e nela, aponta para os flagrantes possíveis de contradição que ela expressa enquanto discurso de amor. A variação entre estereótipo e multiplicidade é um dos exemplos de contradição apontados pela autora. Sendo uma afirmação de sentido, a fórmula eu te amo inviabiliza o sentido do amor. Assim, sendo afirmação ela se afirma como um estereótipo, como um dizer que adquire um sentido que fixa-se no tempo. O eu-te-amo não precisa de explicação. Ao ser dito, ele se explica a si mesmo. Todavia, qual o sentido dessa expressão? Diversos. Então como pode algo com sentidos tão diversos ser tomado como transparente e unívoco ao mesmo tempo? Eis uma das contradições do discurso de amor bem exemplificada pela autora. Nesse diapasão, a autora refere-se a diversas outras contradições presentes nesse discurso: o agora e o sempre, o aqui e o em todo-lugar, o nunca e o jamais, o fugaz e o que nunca-acaba, a potência e a fragilidade, o lúdico e o cotidiano, dentre outras.

Falar de amor talvez não seja uma tarefa difícil. Amontoados de músicas, dramatizações telenovelescas, programas de auditório, colunas de jornais e revistas, *chats* e *sites*, livros de autoajuda e muitos outros meios são despejados diariamente nos ouvidos e na cabeça de seus ouvintes e leitores. Outra coisa bem diferente é falar sobre o que se fala sobre o amor. A fala de amor reflete um funcionamento discursivo. A fala de amor é um discurso em ação, como tal ela abriga e produz diversos sentidos. O texto de Eni Puccinelli *Palavra de amor*, na análise que empreende sobre o discurso de amor, se configura como uma construção capaz de fornecer elementos importantes para se refletir, da perspectiva da Análise de Discurso, sobre o dizer de amor.

Um aspecto do texto que talvez se apresente como mais trabalhoso é o hermetismo que nele aparece vez ou outra. Algumas passagens exigem maior dedicação e pode obrigar o leitor a se deter mais demoradamente nelas. Nesse sentido, trata-se de um texto que exige fôlego. Todavia, isso pode tanto ser uma qualidade como uma limitação do texto, mas, essa característica está provavelmente atrelada a uma questão de estilo e não inviabiliza de modo algum um bom aproveitamento do texto.

Dada a sólida experiência da autora com a Análise de Discurso, o trabalho que ela empreende em seu texto *Palavra de amor* configura-se certamente como um tratamento capaz de oferecer subsídios para a transposição da tagarelice que hoje gira

em torno do amor. Essa transposição equivale a uma relação menos ingênua com a linguagem e com o que é dito. Situar-se fora de uma concepção de linguagem pautada pela evidência, transparência e univocidade é um movimento, em termos kantianos, de exercício da maioridade intelectual. Essa não é uma tarefa fácil. Todavia, produções como a que ora analisamos têm o condão de degrau para se atingir essa maioridade.

Refletir sobre o discurso de amor, tal como se faz no texto em destaque, é uma ocasião para se adentrar numa das formas de subjetivação mais virulenta feita e experimentada pelo homem. Como destacado pela autora, o discurso de amor pode ser dito de muitas formas, qualquer coisa pode ser falada para se falar o amor e também muitos podem ser o objeto do discurso de amor. Assim, o amor pode estar presente em muitos lugares e de diferentes formas. O amor, nessa perspectiva é onipresente. Todavia, mesmo que se faça tão presente, ele não se submete a uma onisciência, ele se nega a participar de qualquer esquema que pretenda aprisioná-lo nesse ou naquele sentido. Sua marca é a contradição. Reiteração que se renova, fala que silencia, excesso que falta, eternidade que se contextualiza. Essas são algumas das caracterizações possíveis de serem vistas no discurso de amor e que Eni Puccinelli muito bem destaca em seu texto.